

Rumo à uma Economia Verde: Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável e a Erradicação da Pobreza – Uma Síntese para Tomadores de Decisão

Resumo das Conclusões

Um investimento de apenas 2% do PIB global em dez setores-chave pode dar início à transição rumo à uma economia de baixo carbono e eficiência de recursos. O novo relatório do PNUMA demonstra que a transição para uma economia verde se torna possível se forem investidos 2% do PIB global por ano (atualmente cerca de US\$ 1,3 trilhão) entre o momento atual e 2050 em uma transformação verde de setores-chave, como agricultura, edificações, energia, pesca, silvicultura, indústria, turismo, transporte, água e gestão de resíduos. Contudo, tais investimentos devem ser estimulados por reformas de políticas nacionais e internacionais.

Elaborado por especialistas e instituições globais tanto de países desenvolvidos quanto de países em desenvolvimento, este oportuno relatório confirma que, sob um panorama de economia verde, o crescimento econômico e a sustentabilidade ambiental não são incompatíveis. Ao contrário, uma economia verde criaria empregos e progresso econômico, ao mesmo tempo em que evitaria consideráveis riscos adversos, como os efeitos da mudança climática, maior escassez de água e perda de serviços ecossistêmicos.

Tornar a economia verde não geraria apenas crescimento e renda em capital natural, mas também produziria maior crescimento do PIB e do PIB per capita. De acordo com as simulações do relatório, um cenário de investimento verde atingiria taxas de crescimento anual mais altas que o cenário habitual de negócios, em um espaço de tempo de 5-10 anos. Esse crescimento econômico caracteriza-se por um desacoplamento significativo em impactos ambientais, com a pegada ecológica global sobre a taxa de biocapacidade podendo declinar do nível atual de 1,5 para menos de 1,2 até 2050 – muito mais próximo de um valor-limite sustentável de 1 – em oposição a um aumento para 2, o que seria o caso do cenário habitual de negócios.

A demanda global por energia aumentaria um pouco, mas retornaria aos níveis correntes até 2050, o que significaria uma redução de cerca de 40% em relação ao esperado no cenário habitual de negócios, graças a avanços substanciais em eficiência energética. Um panorama de investimento verde é projetado para reduzindo as emissões de CO₂ de energia em cerca de um terço até 2050, em comparação aos níveis atuais. A concentração atmosférica de emissões deve ser mantida abaixo de 450 ppm até 2050 para que seja possível limitar o aquecimento global ao limiar de 2°C.

Uma economia verde valoriza e investe em capital natural. Um quarto dos investimentos verdes analisados – 0,5% do PIB (US\$ 325 bilhões) – é alocado a setores de capital natural: silvicultura, agricultura, água potável e pesca. O valor agregado na indústria florestal aumenta cerca de 20% em 2050 em comparação com o cenário habitual de negócios. Investimentos em agricultura verde que variam entre US\$ 100-300 bilhões por ano de 2010 a 2050 conduziram, ao longo do tempo, ao aumento da qualidade do solo e ao crescimento da produção global das principais culturas, representando uma melhora de 10% acima do que é possível com as estratégias atuais de investimento. O aumento da eficiência na agricultura e nos setores industrial e urbano reduziria a demanda de água em cerca de um quinto até 2050 em comparação com as tendências projetadas, reduzindo a pressão sobre o lençol freático e água superficial, tanto a curto quanto a longo prazo.

Uma economia verde pode contribuir para a alívio da pobreza. Há um elo inextricável entre a alívio da pobreza e a gestão racional de recursos naturais e ecossistemas, devido aos fluxos de benefícios de capital natural que são recebidos diretamente pelos pobres. Ele é particularmente importante em países de baixa renda, nos quais mercadorias e serviços ecossistêmicos são um grande componente das vidas de comunidades rurais pobres e proporcionam uma rede de segurança contra desastres naturais e choques econômicos.

Em uma transição para uma economia verde, serão criados novos empregos que, ao longo do tempo, superarão as perdas de empregos da “economia marrom” (de alta emissão de carbono). Isso é particularmente notável nos setores da agricultura, edificações, energia, silvicultura e transporte. Contudo, em setores cujo capital está seriamente exaurido, como na pesca, o esverdeamento provocará uma perda de empregos e renda a curto e médio prazos, de modo a repor os estoques naturais e prevenir uma perda permanente de renda e empregos. Também pode exigir investimentos para requalificar e reeducar a força de trabalho.

Priorizar investimentos e gastos governamentais em áreas que estimulam o esverdeamento de setores econômicos é um caminho crítico. Corrigir subsídios onerosos e prejudiciais em todos os setores abriria espaço fiscal e liberaria recursos para a transição para uma economia verde. Por si só, a eliminação de subsídios nos setores de energia, água, pesca e agricultura economizaria 1-2% do PIB global por ano. Os subsídios da pesca, por exemplo, estimados em torno de US\$ 27 bilhões por ano, resultam em mais danos do que ganhos a longo prazo para as economias nacionais e o bem-estar social. Subsídios aos preços e produção de combustíveis fósseis excederam em conjunto US\$ 650 bilhões em 2008, e este nível de apoio desencoraja a transição para energias renováveis.

O uso de ferramentas como impostos, incentivos fiscais e licenças negociáveis para promover investimentos e inovações verdes também é essencial, assim como o investimento em capacitação, treinamento e educação. É importante fortalecer a governança internacional e mecanismos globais que apoiem a transição. A Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável (a Cúpula Rio+20) em 2012 será uma oportunidade para estabelecer uma nova orientação para um mundo mais sustentável, seguro e justo.

A escala de financiamento requerido para uma transição para a economia verde é substancial, mas de ordem de magnitude menor do que os investimentos globais anuais. A este respeito, vale a pena observar que os 2% do PIB global modelados no relatório são uma fração da formação total de capital bruto – cerca de 22% do PIB global em 2009. Esse valor pode ser mobilizado por meio de políticas públicas inteligentes e mecanismos de financiamento inovadores. O rápido crescimento dos mercados de capitais, o crescente interesse do mercado em iniciativas verdes e a evolução de instrumentos alternativos, como financiamento e microfinanciamento de carbono, estão abrindo espaço para o financiamento em larga escala para uma transformação econômica global. Contudo, esses valores ainda são pequenos em comparação aos volumes totais necessários, e precisam ser aumentados urgentemente.

A mudança rumo à uma economia verde está acontecendo em escala e velocidade nunca antes vistas. Em 2010, esperava-se que os novos investimentos em energia limpa atingissem uma alta recorde de US\$ 180-200 bilhões, a partir de US\$ 162 bilhões em 2009 e US\$ 173 bilhões em 2008. O crescimento é cada vez mais impulsionado por países não-OECD, cuja participação nos investimentos globais em renováveis subiu de 29% em 2007 para 40% em 2008, com o Brasil, a China e a Índia representando a maior parte.

Espera-se gerar crescimento e empregos na mesma proporção – ou maior – que o cenário atual e habitual de negócios, superando as projeções econômicas a médio e longo prazos e, ao mesmo tempo, gerando mais benefícios ambientais e sociais. Contudo, tal transição para a economia verde não será isenta de riscos e desafios – do “esverdeamento” de setores marrons tradicionais ao atendimento de demandas de mercado em rápida mutação em um mundo limitado pelo carbono. Portanto, os líderes mundiais, a sociedade civil e as empresas líderes no mercado devem participar colaborativamente para repensar e redefinir parâmetros tradicionais de riqueza, prosperidade e bem-estar. O que está claro é que o maior de todos os riscos seria continuar com o *status quo*.